

## DOSSIÊ – ENSAIOS

### DA CARNE PARA FORA E DA CARNE PARA DENTRO

#### FROM FLESH OUTWARDS AND FROM FLESH INWARDS

Jacqueline Amadio de Abreu<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente ensaio visual apresenta a série de pinturas “Da carne para fora e da carne para dentro” que emergiu de um processo de pesquisa em arte sobre o devir-mulher. O objetivo desta pesquisa é a busca de novas figurações que possibilitem narrativas outras sobre o ser mulher como um ato de resistência contra as imagens engessadas produzidas pela narrativa masculina dominante, contribuindo com um novo repertório imagético que é criado a partir de uma ótica feminina e dos estudos feministas. O trabalho a seguir aborda discussões teóricas entre arte e feminismo e expõe as pinturas que foram produzidas nesse processo.

**Palavras-chave:** Devir-mulher; arte e feminismo.

**Abstract:** The current visual essay presents the series of paintings “Da carne para fora e da carne para dentro” (“From flesh inwards and from flesh outwards”) which emerged from an art research process about the concept of becoming-woman. The main goal of this research is the pursuit of new figurations that enable other narratives about being a woman as an act of resistance against the rigid imagery produced by the dominant masculine narrative, contributing with a new imagetic repertoire that is created from a feminist perspective and also from feminist studies. The following paper addresses theoretical discussions between art and feminism, exhibiting the paintings produced in this process.

**Keywords:** Becoming-woman; art and feminism.

#### Sobre o ensaio visual e a potência da arte

A arte atua como potência dos modos de viver, impulsiona a criação de vida articulando conceito, visualidade, sensibilidade e experiência e acolhe a pluralidade. Ao olhar para o mundo, para as formas de vida, para os acontecimentos históricos e para o cenário atual é possível ver ainda uma narrativa pesada, misógina, machista, excludente, que apaga, marginaliza e poda as formas de vida diferentes da elegida como norma. Dessa forma, tendo como foco a vida de mulheres e observando que existe uma configuração de silenciamento dos corpos femininos por meio dos códigos patriarcais, se faz necessário o debate feminista e a necessidade de subverter o discurso dominante e criar novas narrativas de existência para as mulheres. É aqui que a arte entra, a arte alinhada ao feminismo é capaz de gerar narrativas outras e abrir caminhos libertários e fissuras nas capturas subjetivas.

Cansadas da carga histórica de corpos e vidas de mulheres descritas e narradas pelo ponto de vista masculino, muitas artistas resistem e apresentam os modos de existir pela sua própria vivência e experiência. Inspirada e movida por esses trabalhos, também busco caminhar com elas. O devir-mulher de Deleuze e Guattari é central neste trabalho, esse conceito é aqui abordado por autoras mulheres como Inês Bueno Krahe e Sônia Regina da Luz Matos (2010) que entende esse devir-mulher como um meio de resistência, um modo de existir em constante vir a ser,

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil.

possibilitando formas de vidas libertárias, partindo de experiências e não de moldes prontos. É nesse lugar que meu trabalho se encontra, caminhando com outras mulheres e sendo devir.

O que intenciono com minhas pinturas é produzir imagens que apontem novas figurações para um devir-mulher. Se trata de uma pesquisa feminista e em poéticas que busca discutir e resistir às figuras engessadas pelo discurso masculino e retomar na história o poder feminino que sempre existiu, voltando o olhar a essa figuração de poder, onde exploro na poética novas figurações e experimentações por meio da pintura para encontrar possíveis visualidades para um devir-mulher.



Figura 1: Autor(a). *Risco*. 2019. Pintura a guache sobre papel. 30x20cm. Fonte: Arquivo do(a) autor(a).

O título *Da carne para fora e da carne para dentro* compõe-se das experimentações que produzi nas pinturas. Esse título faz referência ao que há do corpo para fora: os acontecimentos da sociedade, os contextos em que somos inseridas, as histórias narradas acerca das mulheres, a relação com o outro. E ao que há do corpo para dentro: os processos de subjetivação, as significações a partir das experiências, os ciclos internos e processuais. E a carne se refere a esse corpo carnal e biológico que habitamos, corpo que sente e sangra. Meu trabalho em pintura traz muitos elementos simbólicos e a cor vermelha para simbolizar o sangue é muito presente, sendo esse sangue o menstrual, sangue cíclico e com poder criativo das mulheres.

O processo de criação que trilhei também busca retomar referências ancestrais e a figura da bruxa está muito presente, pois elas remetem às ancestrais e às práticas coletivas de partilhar saberes, às alegrias e gestos espontâneos, os desejos da carne e da alma, às danças em roda. Mas remetem também às mulheres contemporâneas, que vieram depois da caça às bruxas, que se voltam a essa antiguidade para poder retomar aquelas significações e criar hoje um modo de vida mais libertário, além de recuperarem histórias e nomes de mulheres que tentaram apagar da história. É um movimento de retornar ao passado e atualizar no presente, pois não permitimos ser silenciadas.

Esse voltar ao passado é uma movimentação para nos reapropriarmos da nossa história. Voltamos ao passado, nos reapropriamos e retornamos ao presente, muito mais fortes. Construção, desconstrução, reconstrução. Um ciclo.

O cíclico, por sua vez, é palavra central, mas não a entrego no título: *da carne para fora e da carne para dentro* já diz de um dobrar-se a si mesma, na reflexão entre fora e dentro. Diz além desse retorno a si, um retorno ao passado no presente, um retorno para buscar reapropriação e ressignificação para o agora.

A dobra exprime tanto um território subjetivo quanto o processo de produção desse território, ou seja, ela exprime o próprio caráter coextensivo do dentro e do fora. A dobra constitui assim tanto a subjetividade, enquanto território existencial, quanto à subjetivação, entendida aqui como o processo pelo qual se produzem determinados territórios existenciais em uma formação histórica específica. (SILVA, 2004, p. 2)

O simbolismo também marca presença nos trabalhos em diálogo com o cíclico. No caminho das retomadas de ressignificação encontramos uma ligação estreita entre a mulher, a lua e a terra pelas fases uterinas, fases lunares e estações do ano. Essa é uma referência à relação periódica do corpo e da natureza que vem desde tempos ancestrais. Outra referência é a simbologia das árvores, também muito presente nas pinturas, que é símbolo do ciclo vida-morte-renascimento também muito significativo em sociedades pré-patriarcais e matrilineares.



Figura 2: Autor(a). *Ritual*. 2019. Pintura a guache sobre papel. 30x20cm. Fonte: Arquivo do(a) autor(a).

Lara Owen (1994) pesquisa símbolos e arquétipos relacionados à nossa menstruação e nos afirma que o conhecimento desses símbolos está em nós e foram passados de geração em geração. A autora destaca os arquétipos da lua, do sangue e da terra, esses três símbolos eram diretamente relacionados às mulheres, em um período pré-patriarcal, e essa conexão era muito valorizada e possuía uma narrativa muito especial, porém, após o patriarcado, houve uma deturpação desses símbolos.

Na visão patriarcal a lua é vista como símbolo da instabilidade como algo ruim, como insanidade. O sangue é relacionado ao ferimento, a dor e a violência, e especificamente o sangue menstrual é visto como impuro, carregado de tabus e até como doença. Por sua vez, a terra é notada como um recurso a ser explorado, além de ser um elemento sujo. Essa visão repulsiva dos símbolos que anteriormente eram ligados aos corpos das mulheres, acabou por gerar um distanciamento desse corpo. Em suma, a narrativa misógina patriarcal gerou um afastamento da mulher com o próprio corpo, deturpou narrativas ancestrais e produziu estilos de vida silenciados para as mulheres.

Segundo Owen (1994), ter consciência dessa distorção possibilita retirar essas camadas de interpretações que nos condicionam ao distanciamento de nossa carne. Levando isso em consideração, busquei abordar essas simbologias em suas significações ancestrais e em íntima relação com o corpo, retomando as acepções originais e ressignificando de forma afirmativa em novas composições. Dessa forma, a seguir apresento brevemente algumas dessas simbologias em seu sentido primordial.

A lua está associada a emoções fortes, houve o tempo em que a lua era inspiração e sensibilidade poética, ela ilumina aspectos da vida interior, a imaginação e os domínios do inconsciente. Sua iluminação é variável com suas fases, assim como as mulheres são cíclicas, desse modo, cada fase possui um significado e uma vivência diferente, sendo uma experiência muito especial a ligação das fases uterinas das mulheres com as fases da lua. Essa relação entre as mulheres e a lua aparece em várias épocas e em vários lugares, além disso, muitas deusas eram retratadas com esse símbolo, e segundo Owen (1994), em alguns lugares as mulheres rezavam para a Lua e não para um deus.



Figura 3: Autor(a). *Corpo Ritual*. 2019. Pintura a guache sobre papel. 30x20cm. Fonte: Arquivo do(a) autor(a).

Assim como a lua, o sangue é outro símbolo antigo e central. Segundo Owen (1994), o sangue é símbolo primário da força da vida, ele gera impacto, além de estar em constante movimento fluindo dentro de nós. O vermelho tem seu próprio simbolismo ligado a ideia do sangue e temos especificamente o sangue menstrual e cíclico, que liga as fases do útero às fases da lua, que é possibilidade de renovação e transformação a cada mês, algo muito especial que já foi (e ainda é) ritualizado por mulheres.



Figura 4: Autor(a). *Corpo que flui*. 2019. Pintura a guache e colagem sobre papel paraná. 40x60cm.  
Fonte: Arquivo do(a) autor(a).

Quanto a terra, por muito tempo ela foi considerada sagrada e feminina, a Mãe Terra é reconhecida como fonte de nutrio, abrigo e vestuário em muitas culturas. Antigamente havia uma relao muito forte entre as mulheres e a terra e a mulher regava os campos com seu sangue. Hoje em dia há o movimento Plante sua Lua, que é justamente o ato de devolver o sangue a terra. “Como mulheres, pertencemos a terra, de uma forma intensa: ela e nós somos a fonte de alimento e da vida” (OWEN, 1994, p. 54).



**Figura 5:** Autor(a). *Embaixo Dentro*. 2019. Pintura a guache sobre papel. 30x20cm. Fonte: Arquivo do(a) autor(a).

Assim sendo, podemos afirmar que imagens e símbolos contam histórias, produzem subjetividade, tecem narrativas e pensamentos que são passados adiante. Sabendo que na história da arte temos uma tradição iconográfica masculina dominante, se faz necessário recuperar repertórios matricêtricos e símbolos pré-patriarcais, além de retomar significações simbólicas que o patriarcado e a misoginia distorceram. Essa dobra, esse movimento de recuperar o passado e ressignificar no presente, é potência que a arte pode alcançar, possibilitando um deslocamento de uma narrativa dominante para narrativas alternativas e libertárias.



Figura 6: Autor(a). *La Huesera*. 2019. Pintura a guache sobre papel paraná. 80x100cm. Fonte: Arquivo do(a) autor(a).

A arte é um espaço muito potente para as mulheres, é um instrumento de criar narrativas, de usar nossa própria experiência como motor de criao,  uma forma de se encontrar, de se conhecer, de questionar, de resistir e fazer resistência, de caminhar com outras mulheres.

A experiência que ela (a arte) promove é capaz de intervir no processo de subjetivao daqueles que dela se aproximam, precisamente no ponto em que o desejo tende a tornar-se cativo e a despotencializar-se. Quando isso acontece, reanima-se o exercício do pensamento e ativam-se outras formas de percepo, mas também e, sobretudo, de inveno e de expressão. Delineiam-se novas políticas do desejo e sua relao com o mundo – ou seja, novos diagramas do inconsciente das forças que desenham mapas cuja tendência  mutilar a vida em seu próprio âmago – o qual consiste, como vimos, em sua insistência em reciclar-se na recriao permanente do mundo. (ROLNIK, 2011, p. 27)



Figura 7: Autor(a). *Energia Vital*. 2019. Pintura a guache e desenho sobre papel paraná. 80x50cm.  
Fonte: Arquivo do(a) autor(a).

Como  possível perceber, os corpos que aparecem em minhas pinturas não mostram seus rostos: ou possuem linhas, ou elementos que o compoem, ou se hibridizam, até mesmo usam máscaras, e, por vezes, não possuem rosto nenhum, mas ostenta um vazio. Este vazio possibilita uma fuga identitária. Não é um vazio oco, mas um vazio possível de preenchimento e transbordamento, um vazio de fissura aberto  experiência. Um espaço-possível, um vir a ser que brota do estado devir-mulher: se construir a partir de sua própria experiência.





Figura 8: Autor(a). *Surya*. 2019. Pintura a guache e colagem sobre papel paraná. 40x60cm.  
Fonte: Arquivo do(a) autor(a).

Ao longo do percurso da pesquisa poética, o corpo até mesmo deixa de aparecer como forma. Na verdade, o corpo se faz presente por fragmentos, pistas e vestígios. Um corpo-experiência por meio de fragmentos e símbolos na composição, buscando fazer parte de um processo artístico que:

Elabora um repertório imagético em ressonância com as lutas feministas contra a cultura patriarcal, simultaneamente, recuperando e desestabilizando as representações estabelecidas do feminino. (LAURENTIIS, 2013, p. 34).



Figura 9: Autor(a). *Transformação de um sistema que volta ao seu estado inicial*. 2019. Pintura a guache e a óleo, desenho e colagem sobre papel paraná. 80x100cm. Fonte: Arquivo do(a) autor(a).

Ciclo, pelo dicionário, significa transformação de um sistema que volta a seu estado inicial; série de fenômenos que se sucedem numa ordem determinada: o ciclo das estações; período após o qual os mesmos fenômenos astronômicos se reproduzem na mesma ordem: ciclo solar<sup>2</sup>. O ciclo nesse trabalho ganha muitas significações além dessas. O cíclico está presente no ato de voltar-se a si mesma como ato político, por meio do autoconhecimento, autocuidado, criando relações com o próprio corpo e não barreiras. Está presente no processo de voltar o olhar e reflexão ao passado para reinaugurar no presente. E nas pinturas esse processo acontece buscando diálogo com outras mulheres que discutem significações pré-patriarcais sobre os modos de vidas femininos. Assim, abordo símbolos que remetem à natureza cíclica das mulheres, penso composições que expressem a relação entre corpo e vida de um devir-mulher, busco repensar minha própria história e das que vieram antes de mim, pintando novas figurações que apresentem minha e nossa experiência de viver mulher.

A arte como potencialidade de vida é uma afirmação, é um território para criar e coexistir todas as formas de vida, de forma ética e múltipla. Os estudos pela arte contemporânea possibilitam abordar essa multiplicidade e diversidade que buscamos para poder viver mais livre. Os estudos feministas andam de mãos dadas com esse compromisso ético. E é dessa forma sutil, que, por meio da arte, busquei propor novas figurações possíveis ao corpo e subjetividade feminina dançando por horizontes mais livres, afirmativos e singulares.

## Reverberações

Pensando sempre no contexto histórico desde a antiguidade e as reverberações desses contextos nos processos de subjetivação das mulheres, é possível perceber que ainda há reflexos de uma subjetividade reprimida e engessada que veio com a opressão por parte do patriarcado e que esses atos misóginos se perpetuam pela repetição, inclusive pela reprodução por meio de imagens.

Sabendo que essa repetição se dá também na história da arte pela enorme produção de corpos femininos retratados por homens, gerando imagens sobre as mulheres sob uma ótica masculina homogeneizante, dominante e por vezes silenciadora, é ato político a apropriação desse espaço na arte pelas mulheres. Sendo assim, as mulheres ocupam esses lugares de arte e se apropriam do direito de se autoapresentar, produzindo obras que partem de suas experiências como mulher e de sua ótica feminina.

Nessa relação, além de ocupar esse espaço enquanto mulher e artista, também entro no movimento de reapropriação. Volto-me para o período pré-patriarcal e para sociedades matricêntricas, ou até mesmo períodos já ocupados pela opressão masculina, mas baseando-me nas resistências, com a finalidade de encontrar práticas e saberes femininos que visam à aproximação da mulher com seu próprio corpo por meio do autoconhecimento, pelo cuidado de si, pela experiência dos ciclos e pela partilha com o outro. Da mesma forma, busco imagens, figuras e símbolos ancestrais para que sejam possibilidades de ativação de memórias e sensações. Para alcançar essas buscas me lanço nos feminismos, nos movimentos de espiritualidade feminina e nas produções de outras artistas.

O devir-mulher foi apresentado nessa pesquisa já no processo de busca e no que reverbera desses encontros: o que fica nas pinturas produzidas no intuito de entrar em contato com o outro e provocar abertura, reflexão e afeto. Assim, a discussão tecida e as pinturas produzidas tiveram o intuito de apresentar possibilidades de habitar o corpo e viver mulher. Pois pela prática de reapropriação e trabalho conjunto, somos capazes de possibilitar processos de subjetivação mais amplos: “por mais que ela [uma árvore] tenha sofrido

<sup>2</sup> Dicio: dicionário online de português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ciclo/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

mutilações profundas, sua raiz radiante ainda está viva, ainda está produzindo e sempre estará à procura de vida significativa a céu aberto” (ÉSTES, 2007 p. 28).

### Referências

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *A ciranda das mulheres sábias*. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

KRAHEI, Inês Bueno; MATOS, Sônia Regina da Luz. Devir-mulher como diferença. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO*, 5., 2010, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul, RS, 2010. Disponível em: <https://www.ucs.br/ucs/eventos/cinfe/artigos/artigos>. Acesso em: 31 out. 2019.

LAURENTIIS, Gabriela de. Fazer e desfazer formas: as imagens do feminino na arte de Louise Bourgeois. *In: RAGO, Margareth; MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo (Org.). Paisagens e tramas: o gênero entre a história e a arte*. São Paulo: Intermeios, 2013. p. 24-36.

OWEN, Lara. *Seu sangue é ouro*. Tradução de Magda Lopes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

ROLNIK, Suely. *Arquivo para uma obra acontecimento*. São Paulo: SESC SP, 2011.

SILVA, Rosane Neves da. A dobra deleuziana: o mundo como potência de invenção. *In: FONSECA, Tania Mara Galli; ENGELMAN, Selda (Org.). Corpo, Arte e Clínica*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

### Sobre a autora

**Jacqueline Amadio de Abreu**. Graduada com láurea acadêmica no curso de Artes Visuais Licenciatura pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - Departamento de Teoria e Prática da Educação. Membro do DOBRA - grupo de pesquisa em arte, subjetividade, educação e diferença. É artista e pesquisadora com ênfase nos estudos feministas.

*E-mail:* [jacqueline-amadio@hotmail.com](mailto:jacqueline-amadio@hotmail.com).